



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

# Literatura



Medeiros e Albuquerque  
*Canções da Decadência*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Pecados*

# Medeiros e Albuquerque



Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1889.

Livro Digital (Gratuito) nº 1103 - 1ª Edição - São Paulo, 2020.

**Poesia** - Literatura Brasileira.

**José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque**  
**(1867-1934)**

---



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# ÍNDICE



ALGO MAIS: Medeiros e Albuquerque.....	1
Verdade.....	7
Trazes-me flores e sonhos.....	7
Deus.....	9
A uma cantora.....	9
Estátua.....	10
Lúcia.....	11
Quanto eu for doido.....	11
À beira de um túmulo.....	12
Osório.....	14
Passando.....	15
Carmen.....	16
Crepúsculo.....	17
Sombras.....	18
<i>Forget me not</i> .....	18
Estrelas apagadas.....	19
Do livro de Laura.....	20
Pelicano.....	22
Aspiração.....	22

## MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Ainda tenho quente, palpitando na cordoalha íntima do meu coração, na viva saudade oriunda da gratidão e do respeito, o amigo e mestre que tanto amei e por quem sempre nutri profundíssima admiração.

Medeiros e Albuquerque foi homem raro; inteligentíssimo, arguto, lógico, transparente, culto, trabalhador, leal e desassombrado. Ainda são poucos os adjetivos que lhe coroam a personalidade, tal a abundância de luz que jorrava e que podia sempre emanar daquele espírito privilegiado, um dos maiores talentos da latinidade americana.

O seu convívio obrigava-nos a admirá-lo em progressão crescente, pois jamais foi trivial na palavra falada ou escrita, em assuntos leves ou em questões graves, porque sempre se mostrou atraente e original, sempre erudito e fecundo. O nosso saudoso companheiro possuía a alma de menestrel e o nervo de grande operário.

No pensamento, no sentimento e na ação era assinaladamente o mesmo homem, cheio de talento e coragem, amigo dedicado e companheiro fiel, advogado invulnerável e promotor perigoso, e habitualmente de armas na mão, ora com a pena, ora com a palavra fúlgida, sabia lutar e lutava até o fim, não se deixando vencer. A última palavra lhe pertencia, tal o fôlego, o raciocínio, a fluência do estilo, o brilho da inspiração, o encanto das irreverências, tais os jorrões da dialética indomável, o denodo em agredir e a destreza em defender-se.



Tenho conhecido, senhores, alguns homens de gênio, muitos homens de talento, porém nenhum até agora me deu a impressão de tão pronta inteligência e de tão rara curiosidade perscrutadora como Medeiros e Albuquerque.

Bom, presto, desprendido e amoroso, tirou sempre da vida a melhor essência, com impulsões aos trabalhos exaustivos e aclives para a boêmia jovial e franca.

Cultivei-lhe a amizade com especial carinho, porque era mais de trinta anos de convívio, nele só encontrei o amigo desinteressado e nobre.

Nesse voto de saudade quero-vos uma revelação: Medeiros e Albuquerque cultivava a medicina apaixonadamente e muitos dos seus escritos foram dedicados à neurologia e à psiquiatria.

Quando começaram a aparecer os murmúrios e os ecos longínquos da doutrina psicosexualista de Freud, Medeiros e Albuquerque foi o primeiro a ditar à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em 1900, a melhor súpula e a mais clara síntese acerca da doutrina do sábio vienense.

Comparou o consciente, o subconsciente e o inconsciente a prédio de dois andares com um porão. O andar superior é o consciente, onde à luz clara o eu se exprime pela lógica, pela vontade, pela força criadora da inteligência. No primeiro andar, que representa o subconsciente, as ideias estão em penumbra e nele residem o sentimento, a fantasia, as emoções e a fé. No porão, tão bem comparado por Medeiros ao inconsciente, se acham os papéis velhos da existência, o registro esquecido, os episódios obscuros do sentimento em que estão soterradas as emoções da infância e os instintos atávicos, semimortos, olvidados pela censura ou censor, durante a formação da personalidade, especialmente na segunda infância, ótimo comenos para a exaltação da libido.

Essa imagem é admirável de ensinamentos e clareza; todo o mundo logo compreende o principal enunciado de Freud com a metáfora de Medeiros e Albuquerque.

A face acentuadamente médica da sua personalidade mais se denunciou pela cultura científica e pela prática do hipnotismo. Curioso, cultíssimo, sagaz e brilhante, o nosso pranteado companheiro escreveu um livro acerca da matéria o qual obteve justo renome e êxito felicíssimo de livraria, pois várias edições se sucederam. Praticava frequentemente o hipnotismo e obtinha curas com as quais se entusiasmava e que lhe aumentavam a crença.

Nunca fui adepto do método da sugestão hipnótica, apesar de não lhe negar vantagens terapêuticas em casos especiais. O hipnotismo caiu da moda, diante de outros processos psicoterápicos; porém o entusiasmo de Medeiros era justificado, teórica e praticamente, pela pasmosa erudição e pelos êxitos felizes que conquistava na casuística clínica.

Talvez poucos médicos conhecessem tão de pronto como ele as novidades científicas que surgiam. Livros, revistas, aparelhos, tudo enfim que se referia à medicina mandava buscar e com isso gastava larga soma, muita vez acima das suas posses, para satisfazer a avidez do espírito.

Quando morreu o seu filho Paulo, no sexto ano médico, o alfanje da fatalidade retalhou-lhe indelevelmente o coração. Medeiros ficou meio ébrio, afogado na dor. Finara-se-lhe parte da carne e da alma, fração resplandecente do seu amor, porque assistiu à extinção de uma das suas melhores ânsias, que era ver o filho formado em medicina. Passado, mas não adormecido o doloroso advento, obrigou o filho mais moço a abandonar o curso de direito e seguir a medicina, porque esta carreira lhe constituía o prazer do espírito e da inquietude filosófica.

Possuía e cultivava grandes e sinceras amizades entre os professores da Faculdade de Medicina, e conservava-as com especial carinho.



As nossas palestras íntimas versavam amiúde acerca dos temas da minha profissão ora meramente especulativos, ora clínicos. Aparelhos elétricos, esfigmomanômetros, estetoscópios, vários instrumentos técnicos da propedêutica médica possuía para manejo pessoal.

Estou certo, senhores, que o cristal do seu pensamento seria gema preciosíssima se em qualquer Universidade do país dissertasse como professor.

Repito: jamais vi homem mais inteligente no trato das coisas humanas. Sempre do pensamento lhe nasciam manhãs claras e da sua cultura evolavam-se destilações e essências magníficas e oportunas.

Porém, a grande página da sua vida estava no amor, grande luz, grande formosura, grande força que o conduzia para o entusiasmo da existência, para o trabalho, iterativo, sempre sorridente, destemido e leal, agnóstico e franco atirador; amigo dedicado e adversário feroz; construtor e iconoclasta, renovador insolente e dulcíssimo companheiro. Avesso às simulações, expunha a alma aos transeuntes, para que o conhecessem bem, porque gostava de pensar alto, de sentir abertamente; o amor era-lhe a suavíssima obsessão da vida, e a mulher aparecia-lhe como a maior expressão da energia universal, a realidade do seu sonho.

*Ah! Frappes-toi le coeur, c'est là qu'est lê génie*, disse-o Alfred Musset. Creio bem que o gênio fulgurante de Medeiros e Albuquerque partiu-lhe do coração amoroso, e fido e humaníssimo.

*Cor hominis disponit viam suam*. Nenhuma frase é mais aplicável à existência desse homem superior. *Cor cordium*, deveria eu chamar-lhe, porque o eixo da vida do meu querido amigo estava no amor, a força eletiva da humanidade, o calor das almas, a luz dos crentes, o deus dos sonhadores, o guia dos agnósticos, o apuro das civilizações, a inquietude da mocidade, a dor luminosa dos poetas, a

tortura dos gênios, o dinamismo criador, a rota da solidariedade humana, o estrelário de Dante, a vida e a morte em ritmos oscilantes, ora tempestuosos, ora cheios de calmarias, a essência das ideias-forças, ou como definiu o próprio Medeiros e Albuquerque "a base de todas as artes, a arte fundamental".

O conceito acerca do amor era-lhe *personal*. Ouçamo-lo nos "Poemas sem versos": "Há quem fale no amor platônico, no amor puro, no amor imaculado. Mentira. Esses são os disfarces que o pecado toma. O que há para baixo deles ou é ignorância ou hipocrisia. O Amor, o Grande Amor, o Verdadeiro Amor, é o delírio da Carne que palpita, dos lábios que estuam, rubros, sob os beijos ardentes — das mãos trêmulas, crispadas, que cingem corpos divinos — dos olhos, que nos delíquios supremos, se cobrem de uma névoa que os cega para tudo que nesses instantes os rodeia".

Senhores. O amor não é só a *epilepsia brevis* como definiam os antigos, mas o conjunto de fenômenos fisiológicos, físicos, sensoriais e psíquicos, excitações, comoções e sentimentos que resultam da necessidade sexual, como acentua Sicard de Plauzoles.

Os gregos já haviam simbolizado em Vênus Afrodite os dois elementos dominantes no amor — Urânia, o amor celeste, vaporoso, ideal; Pandemos, o amor terreno, sexual, biológico, isto é, sonho e carne, romantismo e sexualidade, alma e corpo no conjunto humano.

Assim viveu o grande Medeiros e assim se finou, a odiar os preconceitos e a amar a verdade, nua e crua. As disposições que escreveu antes de morrer, deram-lhe a forma definitiva do filósofo estoico. O epicurismo nele era episódico; fora homem do seu tempo, cordial e sincero como os cavaleiros medievais, indiferente a interesses e coerente com as suas convicções e atitudes.

Homem excepcional! Figura única no cenário da inteligência brasileira. Poeta, romancista, político, jornalista, administrador, erudito, trabalhador, tudo foi nesta terra, e tudo desprezou, para

viver dentro da liberdade do pensamento e nas expansões do sentimento, únicos princípios a que obedecia como o imperativo categórico da sua personalidade singular.

Bom ou mau, seguramente bom, ele foi único no Brasil; podemos consagrar-lhe o gênio, porque a ninguém imitou e a ninguém se rendeu; criou a beleza do pensamento, às vezes irônico e sorridente como um demônio; às vezes enérgico, desassombrado e construtor como um herói; franco e amoroso como um justo; luminoso e destruidor como um deus.

---

ANTÔNIO AUSTREGÉSILO

*Revista Letras Brasileiras, fevereiro de 1944.  
Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes.*

# CANÇÕES DA DECADÊNCIA

(1885- 1887)



## VERDADE

Como se pelo azul rolara decepada  
uma cabeça enorme, ensanguentada e loura,  
lentamente no mar, cuja amplidão redoura,  
atufa-se do sol a esfera abraseada.

E, como colossal e rúbida granada  
mancha de sangue o campo onde, ao cair, estoura,  
ela — ao baixar do oceano à curva rugidora —  
de vermelho macula a abóbada azulada.

Então, se a noite estende o crepe funerário  
sem do sol recordar que o rubro lampadário  
há de, em breve, o romper com vivos arrebóis,

eu penso — ao ver a luta assim dos elementos —  
que a Verdade também se oculta por momentos;  
mas com brilho maior nos ilumina após.



## TRAZES-ME FLORES E SONHOS

Trazes-me flores e sonhos,  
leves afagos risonhos,  
doces carícias de amor;  
queres saber as tormentas  
fundas, enormes, cruentas,  
que me roubam viço e cor.

Queres, meu anjo, que eu diga  
que rude espinho me fere...  
Dizes que ria, que espere,  
que tenha visões de luz...

Ah! mas não sabes, criança,  
que o norte que me conduz  
não tem clarões de esperança...  
Tem tufões — não tem bonança...  
Tem mágoas — não tem sorrisos...  
Ah! tu não sabes, na treva,  
o desalento que neva  
do meu peito nos granizos!  
Não sabes que quem me leva  
pelas estradas da vida  
— como pomba foragida,  
que no futuro não pensa —  
que o meu guia, minha estrela  
é o Arcanjo da Descrença!

Dizes que apague os meus choros,  
que busque virentes louros  
da Glória nos arrebóis...  
Eu sei que a Glória é mentira,  
sonho por que se suspira,  
que tem o brilho dos sóis  
e após, em fumo ligeiro,  
como as miragens, expira...

Não! Eu não quero coroas...  
Basta o riso feiticeiro  
com que tu me galardoas...  
Só ele pode, ligeiro,  
por um momento somente,  
dissipar minhas tormentas  
fundas, enormes, cimentas...

---

## DEUS

Eu não sei quem tu és. Sei que minh'alma,  
nos céus librando o largo voo ansioso,  
jamais encontra do teu céu a calma,  
— sombra ilusória de mentido gozo.

E, se minh'asa mais e mais se espalma,  
remontando no pego luminoso,  
os mundos vejo que ninguém acalma  
do Universo no giro portentoso.

Mas, se te busco, ó deus potente e forte,  
elo que enlaças a existência à morte,  
fonte sublime que criaste tudo,

vejo a Matéria as amplidões enchendo,  
vejo a Força seu seio revolvendo,  
e só o céu, p'ra confessar-te, mudo...

---

## A UMA CANTORA

*(Em uma festa abolicionista)*

Pois que tu — gênio das artes —  
da Liberdade aos clarões,  
teu nobre fogo repartes  
sobre quebrados grilhões,  
pois que teu canto sublime  
do escravo aflito redime  
o sofrimento feroz,  
— a ti, de envolta com as palmas,  
rojamos também as almas,  
as almas de todos nós.

Colhe tu — se tu puderes —  
quanta luz, quanta afeição  
dos cantos que tu desferes  
se envolvem na suavidão.  
E em vez dos negros espinhos,  
que dos gênios nos caminhos  
costumam sempre apontar,  
dos negros prantos das dores  
que tu secaste, hão de as flores  
para cobri-los brotar!



## ESTÁTUA

Eu tenho muita vez a estranha pretensão  
de me fundir em bronze e aparecer nas praças  
para poder ouvir da voz das populaças  
a sincera explosão;

senti-la, quando, em festa, as grandes multidões  
aclamam doidamente os fortes vencedores,  
e febris, pelo ar, espalham-se os clamores  
das nobres ovações;

senti-la, quando o sopro aspérrimo da dor  
nubla de escuro crepe o lúgubre horizonte  
e curva para o chão a entristecida fronte  
do povo sofredor;

poder sempre pairar solenemente em pé,  
sobre as mágoas cruéis do miserando povo,  
e ter sempre no rosto, eternamente novo,  
uma expressão de fé.

E, quando enfim cair do altivo pedestal,



à sacrílega mau do bárbaro estrangeiro,  
meu braço descrever no gesto derradeiro  
a maldição final.



## LÚCIA

Flor desbrochada em gótica ruína,  
sem que um raio de sol, vivo, a quente;  
flor, que no cálix virginal não sente  
meigo afago da brisa matutina,

nessa cabeça pálida e franzina  
quem te lançou dos sonhos a semente?  
que dor te fez verter o pranto ardente  
que te estiolou da vida a flor divina?

Por que, às vezes, ó pomba imaculada,  
numa vaga tristeza mergulhada,  
nas devesas em flor cismas errante?

Que sonhas? que procuras? Teu olhar  
acha talvez nos raios do luar  
vaga lembrança de um pai distante?



## QUANDO EU FOR DOIDO

Eu sinto que a Razão em mim, às vezes,  
como um ébrio sem forças, cambaleia,  
e, nas trevas da insânia, que tateia,  
busca e não acha a luz.

E minh'alma confrange-se trememente,  
como criança lívida e assustada,  
porque lhe falta a vastidão rasgada

dos amplos céus azuis!

E eu vos quero pedir, a vós, carrascos,  
que heis de — quando chegar o triste dia  
querer me dar a lúgubre enxovia  
de um hospício qualquer,

que me deixeis, ao menos, nesse transe,  
afinal, a suprema liberdade  
de, em pleno sol, em plena claridade,  
como um doido — morrer!



### A BEIRA DE UM TÚMULO

Não venham cuspir o insulto  
de uma ironia sangrenta  
sobre a face macilenta  
desta formosa criança;  
não venham falar agora  
de um deus de amor e esperança!

Morrer... Morrer, quando a vida  
desabrochava florida,  
desabrochava risonha!  
Morrer na idade sublime  
em que a donzela, que sonha,  
sonha delícias de amores!

Oh! não... Não venham falar-nos  
do deus que lança nas flores  
vida, perfumes e encantos...  
Deixem as crenças mendazes...  
Deixem os hinos e cantos...  
Se Deus houvesse, — os vorazes  
vermes sinistros somente

cantariam negramente  
seus louvores, seus carinhos...

Morreu na idade em que as almas  
são como tépidos ninhos,  
abrigoando os passarinhos  
das quimeras doidejantes...  
Morreu... E eu lembro-me ainda  
de a ver tão virgem! tão linda!  
passar mimosa, brincando,  
com finos risos galantes...

Calem as notas das preces  
ao deus que os mundos domina,  
deus que sem pena assassina  
as douradas, fulvas messes  
das nossas crenças singelas...  
Não lancem negros escárnios  
sobre a campa das donzelas!

Ela adorava a cadencia  
das magas valsas ardentes,  
tinha n'alma a florescência  
das quimeras inocentes...  
Era formosa... Era virgem...  
Doidejava na vertigem  
do torvelinho da vida,  
cercada toda de galas,  
de doces mimos, de falas  
de uma esperança querida.

E dizem... dizem que existe  
um deus, dos céus nas alturas,  
que enxuga os prantos do triste,  
que lança o riso e as venturas!  
Não venham cuspir o insulto  
de uma ironia sangrenta

sobre a face macilenta  
desta formosa criança!  
Não venham falar agora  
de um deus de paz e esperança!



## OSÓRIO

Ele tinha no olhar a luz da Glória,  
montava no ginete da Vitória,  
das lutas no fragor,  
e a deusa das pelejas condenada  
seguia-o pelos campos, deslumbrada,  
a suplicar-lhe amor.

Das batalhas fatais entre o tumulto,  
quando ele erguia o majestoso vulto,  
as bocas dos canhões  
soltavam, da batalha nos embates,  
entre os rugidos roucos do combates,  
gritos e saudações!

E as bandeiras, tremendo desfraldadas  
dos ventos do Triunfo nas rajadas,  
pareciam saudar  
o destemido semideus da guerra,  
que passava, lutando, sobre a terra  
as hostes a calcar.

Era o titã soberbo da peleja...  
Quando o furor das lutas esbraveja,  
quando retine audaz,  
erguia, altivo e forte, o largo peito  
e tombavam-lhe aos pés — singelo preito  
as metralhas fatais!

Às vezes, a Vitória, descuidosa,  
de bandeira em bandeira, duvidosa,  
não sabia escolher.

Mas ele via perpassar distante  
seu país humilhado e agonizante  
e a fazia deter.

Morreu... Cinto de louros luminosos,  
nos estandartes nossos gloriosos  
envolvido rolou...  
Pátria, — mulher formosa, americana —  
diz-lhe que sua glória soberana  
dentro de nós ficou.

De geração em geração passando,  
nós iremos seu nome venerando  
repetindo ao porvir...  
No coração dos novos lutadores  
nunca seus verdes louros vencedores  
hão de, murchos, cair!



### **PASSANDO...**

Por entre a louca multidão ruidosa,  
que a seus pés se agitava doidamente,  
erguia a calma fronte majestosa  
a altiva estátua do guerreiro ingente.  
Um dia veio a guerra... ímpia, sacrílega,  
mão estrangeira num furor infando  
fê-la rolar partida, enquanto as turbas  
riam, passando...

O ipê robusto sacudia os galhos,  
onde cantava a música dos ninhos;  
dos céus bebia os matinais orvalhos

ensombrando as alfombras dos caminhos.  
Um lenhador chegou. Os ramos da árvore  
caíram todos a seu forte mando...  
Hoje, no chão deserto, as feras rudes  
seguem, passando...

Tudo passa no Mundo, no Universo...  
Tudo segue seu rumo inevitável...  
No mar, na terra, na amplidão, disperso,  
nada perdura eternamente estável.  
Prantos de dor, invocações ou súplicas,  
quem pode desviar a Sorte, quando, —  
quando a roda fatal nos toma e leva,  
leve, passando!

Não! Ninguém nos detém... Lábios de virgem,  
sonhos nobres de louros e de glória  
nada detém na intérmina vertigem  
o turbilhão da vida transitória.  
Ó crianças que amais! ó almas cândidas,  
que acreditais no afeto amigo e brando,  
não busqueis ilusões... O amor mais forte  
morre, passando...

---

## CARMEN

*Où passent, en chantant, des rêves de baisers.*

Jean Richepin.

Que deus te argamassou numa argila divina,  
ó mulher, que és da Forma a encarnação radiosa,  
mulher, de cujo olhar na chama peregrina  
queimas as asas da alma a doidejar ansiosa?!

Que deus, que deus cruel, ó mulher assassina,  
te deu a sedução sublime e vitoriosa,  
para nos dar a nós a tantálica sina  
de não poder cingir-te a carne perfumosa?!

Tu resumes o Aroma, a Luz, a Forma, o Encanto,  
tudo quanto há de bom, tudo quanto há de santo,  
tudo que para o céu nos pode levantar!

E no teu corpo excelso, ó diva triunfante,  
eu sinto a vibração estranha e provocante  
da volúpia sublime, esplêndida, a cantar...

---

## CREPÚSCULO

Quando o sol avermelhado  
d'água imerge na planura,  
e precede a noite obscura  
o crepúsculo avermelhado,

paíra um clarão desmaiado  
lutando com a sombra escura  
que desce da curvatura  
do firmamento azulado.

Assim, dentro em mim, da Crença  
resta um clarão quase frio,  
que inda combate a Descrença,

e, nas ânsias desta luta,  
— qual crepúsculo sombrio,  
hoje a Duvida me enluta...

---



## SOMBRAS

E tarde. Passa alguém nas sombras da campina...  
a rajada do vento as árvores inclina,  
a nevoa estende o véu...  
É a hora da calma, a hora do repouso...  
Um servo sonolento acende vagaroso  
as lâmpadas do céu...

Através da neblina, incerta, desmaiada  
desliza uma figura enorme, agigantada.  
Na dúbia escuridão  
tem o imenso perfil a flutuar enorme...  
Perpassa colossal, fantástica, disforme:  
— sinistra aparição!

Um caçador audaz, sem medo, sem receio,  
apontou friamente... A bala deu em cheio  
no sinistro animal.  
A visão, que na nevoa as linhas aumentara,  
que às almas sem vigor nas sombras assustara,  
era um cão trivial!

Uma figura assim, na nevoa da ignorância  
dos povos, perpassou na prolongada infância,  
da penumbra nos véus.  
Quando caiu enfim... era singelamente  
humana aparição a deslizar, silente,  
e que julgavam Deus...



## *FORGET ME NOT*

Não te esqueças de mim! Não te esqueças,  
quer tu sintas sorrir a ventura,

quer em prantos acerbos padeças  
da Desgraça na negra tortura!

Não te esqueças de mim! Na minh'alma  
brilha sempre o retrato da tua,  
como brilha de um lago na calma  
a serena beleza da lua.

Não te esqueças de mim! Se na vida  
me faltasse teu nome um momento,  
da existência na luta renhida,  
quem pudera me dar novo alento?

Não te esqueças de mim! É contigo  
que minh'alma sonhando se deita.  
É teu nome em que eu acho um abrigo  
quando sinto a tormenta desfeita

Não te esqueças de mim! És a crença  
que no peito somente levanto...  
É em ti que minh'alma só pensa...  
És meu sol! meu amor! meu encanto!



## ESTRELAS APAGADAS

*Elle vous servira, la foi dans cette fable,  
D'étoile à votre chemin.*

Jean Richepin.

Cândida estrela, que no etéreo espaço  
brilhas com luz encantadora e viva  
e atrás da qual minh'alma pensativa  
do céu se lança pelo azul regaço,

quando, às vezes, te fito, em mim se aviva  
um pensamento nebuloso e baço  
e eu cismo que talvez o último passo  
nas órbitas do azul deste, cativa,

e hoje essa luz, a luz que nos envias  
— astro apagado do correr dos dias —  
teu morto foco nem sequer a tem!

Então minh'alma, desprendida, pensa  
que inda perdura o rutilar da Crença  
e Deus — seu foco — se extinguiu também!



## DO LIVRO DE LAURA

Fui ter à alcova deserta  
dos nossos doidos amores...

Achei fanadas as flores  
que tu deixaste ao sair.  
Uma saudade profunda,  
vibrava cheia de encanto:  
sentia-se em cada canto  
uma lembrança surgir.

Eram — deixados à toa —  
teus mimosos sapatinhos  
como dois cândidos ninhos,  
sem das aves ao calor.

Vagos, em torno, no espaço,  
como invisíveis cardumes,  
vagavam doidos perfumes,  
lembrando teu doce olor...

Fino, o tapete felpudo,  
junto ao leito abandonado,

inda lembrava, calcado,  
rastos sutis de teus pés...  
Do colchão as fofas penas  
as leves, lúcidas mornas  
das tuas nítidas formas  
tinham guardado, fiéis...

Teu alto espelho, de rubra,  
de velutínea moldura,  
onde a tua formosura  
se mirava escultural,  
— baço, sem brilho, nas sombras,  
lembrando a dita perdida,  
queria ver-te esculpida  
de novo no seu cristal...

E eu, então?! Eu, que conheço  
teu mago encanto sublime,  
que meu lábio não exprime,  
que não sabe de outro assim;  
eu, que vi todas as linhas  
do teu corpo: — estátua d'arte —  
que vivo para adorar-te,  
p'ra sentir-te ao pé de mim;

ah! Laura! jamais pudera  
contar-te toda a tristeza  
que me prendeu na incerteza  
de uma ausência tão cruel!  
Não fujas mais! Por castigo  
não me deixes mais sozinho!  
Serei teu servo mesquinho...  
Serei teu servo fiel...



## PELICANO

*C'est la chair de ta chair, c'es  
l'âme de ton âme.*

Jean Richepin.

Onde a vaga se quebra em ríspidos lamentos,  
junto à costa, onde a rocha é dura e penetrante,  
habita, exposta ao sopro aspérrimo dos ventos,  
uma ave que é do amor o exemplo culminante.

Por isto ela, que afronta a voz dos elementos,  
impassível, sem dor, estoica e triunfante,  
vendo o filhinho exausto, em presa a mil tormentos,  
rasga p'ra alimentá-lo o seio palpitante.

Assim deveis também, ó loucos cismadores,  
que na trilha sem fim das lutas e rancores  
andais buscando a luz que vos conduza à História,

sentindo palpitar esse fatal anseio,  
rasgar sem medo algum vosso possante seio  
p'ra alimentar da campa a vossa filha: — a Glória.



## ASPIRAÇÃO

*Il demeure, quand même, à jamais  
implacable.*

Jean Richepin.

Eu perguntei do mar à vastidão gigante  
se ela esperava aos céus poder chegar um dia  
para juntar do azul à vívida ardentia  
a ardentia fugaz da vaga murmurante.

E o mar me respondeu que há muito que sabia  
ser-lhe vedado alçar-se ao páramo brilhante  
do espaço, — mas que tinha a força palpitante  
de um desejo fatal que aos céus o suspendia.

Olhei... ouvi na praia o proceloso embate  
das ondas no ulular das ânsias do combate  
em que a terra do mar a aspiração quebranta.

E eu cismeiei que também numa eterna loucura,  
— certa de não poder tocar-lhe na luz pura —  
minh'alma para a Glória, ardente, se levanta!



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**